

A GRANDE SOMBRA

Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie

GÉRARD DE NERVAL...

I

Dezembro de 1905.

— O Mistério...

Oh! desde a infância esta obsessão me perturba — o seu encanto me esvai...

No grande quarto onde eu dormia receava longas horas antes de adormecer, no ondular da luz indecisa da lamparina de azeite que deixavam sobre o toucador. Temia que as sombras de súbito transviassem, animando-se — e monstros, monstros de bruma, corressem sobre mim aos esgares, arrepanhando-me...

Horas longes, porém, de medo infantil — só vos posso recordar em saudade. É que então, se sofria, a minha febre era já a cores — voluptuosidade arraiada também. E assim, quantas horas até, durante o dia, lasso dos brinquedos sempre iguais, eu ansiava a noite, sinuosamente, para latejar a ela os meus receios prateados...

As grandes casas às escuras onde nunca entrara e que, no entanto, bem conhecia de as percorrer iluminadas — eu, do meu leito, imaginava-as, criava-as agora no silêncio e na treva, fantásticas: terrificantes e maravilhosas. Pensava: «Oh! a glória de passear nelas por esta solidão, de tatear o que haverá dentro delas!...» E vinham-me ideias de, sorrateiramente, descalço, para as criadas não sentirem, erguer-me da minha pequena cama branca de taipais e partir a visitá-las... Mas era mais forte do que a ânsia o meu pavor... Escondia a cabeça debaixo dos lençóis, mesmo de verão, até que adormecia esquecido, fundamente...

— As grandes casas às escuras...

Ainda hoje não sei entrar nelas tranquilo... E evito sempre percorrê-las...

De mais a minha inteligência sabe coisa alguma de espectral existir aí — mágicas vibrações, indícios nenhuns de sortilégio ondular ao redor... Mas receio sempre... E lembram-me fantasmas... triângulos frios... espadas nuas... listas de fogo doutras cores...

Tremo e vacilo. Retrocedo...

.....
.....

A sumptuosidade inigualável do mistério!...

Sim! Desde criança adivinhei que a única forma de volver rutilante uma vida, e bela, verdadeiramente bela em ameias a marfim e ouro — seria lograr referi-la ao mistério, incluí-la nele... Mas como, meu Deus, como?...

Procurando, descendo bem as trevas, acumulando imperialmente enigma sobre enigma. Oh... de balde, de balde, até hoje, tenho buscado segredos para ungir com eles a minha existência — imortalizá-la de Sombra... À minha volta é tudo bem certo, mais do que certo, real sem remédio... Só a minha imaginação vence ainda tremular mistérios — mistérios porém de fumo; quebrantos a vago, lendários... E a luz sempre sobre mim, a luz — certeza tosca, material...

Também já na infância, de resto, era assim em verdade. Só em fantasia me amedrontava, só com ela ia achar um enlevo delicioso e inquieto nos alçapões, nos subterrâneos (se me falavam dalgum palácio antigo) e nas pontes, nos zimbórios, nos grandes arcos — bem como já me passavam às vezes, em calafrios, vagas reminiscências de aquedutos negros, que eu nunca vira, decerto.

Mas havia sobretudo no prédio da nossa quinta um sótão inexplicável que durante os anos da minha infância foi para mim o centro de todo um mundo misterioso.

Esse sótão — ao que uma só vez vagamente entrevira — não tinha sobrado. Era, concludo hoje, apenas um desvão entre o telhado e o forro da casa — sendo um corpo do edifício mais alto do que o outro. De longe a longe os criados vinham limpá-lo, creio. Deixar-me-iam entrar, talvez — mas não o tentei nunca, com medo: e percebo

agora que o meu receio era apenas de o ficar conhecendo realmente, e assim perder aos meus olhos todo o seu encanto.

Ah! mas as vezes que eu subia até à sua porta, a escutar... Pelas frestas o vento entrava redemoinhando; de espaço a espaço o viga-mento rangia — e tudo isso se transtornava na minha imaginação em bater de asas negras, arrastar de correntes... crepitar de ossos, quem sabe... Certo dia a minha coragem foi até entreabrir a porta... Lá dentro, penumbra densa — entanto um raio de sol da tarde, coando-se por uma fresta, iluminava em mágicas palpitações um halo de poeira multicolor... Assombrado, cego da maravilha, fechei a porta no mesmo instante — fugi...

Comecei então pensando, às noites, antes de adormecer, largas horas nesse sótão que, mais do que nunca, se me vovera um mundo bizarro, desconhecido, alucinante. E criava nele, em verdade criava, toda uma vida... Fantasiava-lhe — sim — os seus bosques, os seus rios e pontes, as suas montanhas, os seus oceanos, as suas povoações, os seus habitantes... As florestas, via-as de algodão em rama, polícromas, com lantejoulas, como os brinquedos de Árvore do Natal; seriam de água as montanhas; os rios de pedras preciosas, e, sobre eles, em arcos de luar, grandes pontes de estrelas. A humanidade que habitaria o meu país, suscitava-a de anões disformes, anafados, picarescos, mas de olhos cor de violeta — e sugeria lá também toda uma fauna de animais estrambóticos, inexprimíveis: pássaros sem cabeça, coelhos com asas, peixes de juba, borboletas que fossem flores, nascessem da terra... O rei desta nação, não sei porquê, parecia-me, acreditava seguramente, que era uma grande formiga multicolor — e ratos dourados com asas de prata os fidalgos da sua corte. Só o povo homúnculos ridículos...

De resto, todo este mundo da minha imaginação infantil me pululava dentro do sótão num conjunto misterioso — indistinto, *difuso*, entrecruzado, impossível de destringir: era mar onde era também cidade; havia palácios reais ao mesmo tempo florestas. Coisa mais caprichosa: nesse mundo tudo existia variegado mas, simultaneamente, tudo era cinzento! Sim, eu via as árvores de algodão em rama, umas brancas, outras roxas ou azuis, escarlates ou cor de laranja — e os olhos violeta dos anões, os vassalos ratos dourados, el-rei a grande formiga multicolor — e rios arco-íris de joias; montanhas cristalinas,

aniladas. Entretanto, surgindo-me tudo assim, numa infinidade de tons, eu não podia deixar de o ver também uniformemente a gris!...

Ah! a imaginação das crianças... onde achar outra mais bela, mais inquietadora, que melhor saiba frisar o impossível?... Ela é sem dúvida, pelo menos, a mais apta a converter pavor, a refugiar vislumbres. Porque nessa época ondulante da vida é-se apenas fantasia, crédula fantasia. Vem depois o raciocínio, a lucidez, a *desconfiança* — e tudo se esvai... Só nos resta a certeza — a desilusão sem remédio...

Eis pelo que a hora mais Além, a hora mais perturbadora da minha vida, a vivi nos oito anos.

Estávamos na nossa quinta.

Eu não me atrevera nunca a passear de noite, sozinho, pelas ruas areadas, orladas de buxo, tão apazíveis e campestres, em que de dia, bem afoito, brincava correndo afogueado. Mas, do grande pátio junto da cozinha, eu olhava-as, em frente de mim, sonhando descobri-las, noturnamente, numa viagem maravilhosa. Porque, em verdade, de noite, a minha quinta devia ser mágica... Gnomos a percorreriam às cabriolas, e elfos; nos grandes tanques, ao luar, se banhariam fadas, e pelos assentos de azulejo — oh, sem dúvida! — toda uma figuração de príncipes e rainhas encantadas se assentaria devaneando... Depois, que medo não havia de fazer, lá em baixo, sob a noqueira secular, junto do poço — à borda do qual, talvez, mouras de sortilégio, todas nuas, assomassem... esquivas...

De olhos fascinados, sim, eu sonhava tudo isto, de olhos perdidos — mas trémulo, não ousando nunca afastar-me alguns passos de ao pé da cozinha, onde havia luz e a criadagem falaciava... Sonhava ainda investigando sempre a noite, sonolento, com um livro de estampas esquecido sobre os joelhos... e o meu olhar perdia-se mais uma vez no laranjal que se adivinhava perto, numa penumbra esbatida, e em que eu, à força de ilusão, distinguia, conseguia realmente distinguir, os frutos rutilantes — volvidos agora, de milagre, áureos pomos de encantamento...

Algumas vezes, com o caseiro, percorrera já, era certo, as ruas da quinta, à noite. Mas isso, claramente, nada significava: acompanhar-me alguém fazia esvaír todo o quebranto. Só aos meus olhos de criança solitária — de mais sabia eu — esse mundo mágico se revelaria...

Em balde continuava pois sonhando, numa sofreguidão de me evadir nas trevas — sempre acorrentado pelo pavor...

Até que uma noite — não sei como foi — de súbito, decidi-me: fechei os olhos, e, numa carreira louca, afastei-me...

Abri-os só depois de assim haver corrido alguns minutos, para ter a certeza de já não recuar... E largo tempo, numa febre de medo, a ranger de mistério, voguei pela sombra...

Meu Deus, é-me impossível dizer toda a beleza, toda a maravilha que vivi então!... Dava-me asas o próprio terror — matava-me e deliciava-me... Que cenário de quimeras!...

Na noite, entre a escuridão, ao longe, os lugares bem conhecidos — os pomares, os vinhedos, os eirados, os jardins — surgiam apavorantes, noutros contornos... As ruas, ladeavam-nas os monstros de bruma verde em que o buxo se convertera — monstros aliás jocosos, bonacheirões, em esgares torcidos de polichinelo... e eram soldados hirtos, alvejando, os pilares das parreiras: soldados de barretina, alguns, fumando cachimbos onde fingiam brasas os pirilampos que esvoavam próximo...

Tudo sombra, sombra vacilante, enfim, ao meu redor, a modificar subtilmente, constantemente, a paisagem noturna...

Rumorejavam segredo as árvores — sabbats talvez de feiticeiras as suas sombras, tão arrepanhado e seco o crepitar agora dos ramos entre o vento...

(Ah! mas aquele vento, na noite, através dos canaviais, não o sentia eu como o vento do dia... Era por força qualquer outro fluido. Parecia-me, no seu estranho sibilar velado, como que um *espectro do vento* — um espectro temível, *grasnado*, de ecos mortos...)

Os tanques refletiam negrume apenas, porque a noite era escura, sem luar nem estrelas: tanques de alcatrão, dir-se-ia, hediondos — mas a frescura que ressumavam dissipava este medo: e sobre a água, em verdade, olhando bem, mil formas de fantasia, indefinidas, talhadas numa névoa translúcida, anilada, quase invisível, esvoaçavam capricho e mistério...

E eu corria sempre...

No jardim, as rosas eram encantamentos mais suaves. Entanto, ao meio, o alecrim do Norte, copado, circular, vovera-se num bonzo